

Seja:Digital

EAD - Criada conforme determinação da ANATEL

JOGO DA MEMÓRIA

Guia do professor

CONEXÕES
ESCOLARES
COM A TV DIGITAL



Esta palavra vem do grego *digitus* e significa dedos; algo como contar nos dedos. Assim como contar nos dedos, um sinal digital trabalha com números inteiros; ou é 0, ou é 1. Os dados digitais, por trabalharem com valores inteiros, são mais fáceis de definir e menos sujeitos a interferências que o sinal analógico. Uma mídia digital permite que mais informações sejam transmitidas no mesmo espaço. Mas para transmitir uma informação digital, é necessário codificar o sinal em formato de *bits*. Um *bit* não tem cor, tamanho ou peso, e é capaz de viajar à velocidade da luz. É o menor elemento atômico no DNA da informação. Por isso, a resolução da televisão digital foi pensada para dar o máximo de qualidade, variedade e de sensação de realidade para os usuários de seus serviços e programação.



Convergência midiática é uma combinação/relação de tecnologias, ferramentas, linguagens, meios, produtores e receptores de conteúdos midiáticos. Essa combinação provoca modificações entre os meios de comunicação e afeta a organização das indústrias midiáticas, o modo das pessoas de consumir comunicação e de interagirem entre si. Tal conceituação advém de um debate maior sobre a Cultura da Convergência, termo cunhado por Henry Jenkins (2009) e abordado em um livro que possui esse mesmo nome. Para esse autor, a convergência se destaca como um fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas das mídias, e como uma cooperação entre o comportamento migratório dos públicos nos meios de comunicação. Para ele, não existem fronteiras entre “antigas” e “novas” mídias, pois a convergência garante a integração entre ambas.



A interatividade é uma das características da TV digital. Ela tende a ampliar a forma de acessar conteúdos e viabilizar “reações” e/ou novos modos de participação dos telespectadores, através do controle remoto ou *smartphones* (segunda tela). Um conjunto de informações estará disponível, armazenado no receptor de TV digital – para navegação do telespectador, a qualquer momento em que ele queira acessá-lo – ou enviado pelo ar, juntamente com a grade de programação das emissoras de televisão. São jogos, notícias, informações meteorológicas, vídeos sob demanda e informações de utilidade pública voltadas à previdência, saúde, cultura, meio ambiente etc. Isso porque cada dia mais cresce a necessidade de se desenvolver novas formas de abordagem e oportunidades de relacionamento entre as emissoras e o público – condição essencial para que a televisão digital seja, de fato, mais democrática. Com a interatividade, a TV digital vai se aproximando dos conceitos e movimentos da internet, e toda essa mudança também insere a TV na era da convergência digital.



Para assistir ao sinal de televisão em aparelhos analógicos, é necessário conectá-lo a um conversor e a uma antena UHF. O conversor transforma o sinal digital que chega na casa do telespectador em um sinal compatível com a TV analógica. O ideal é que cada TV tenha um aparelho conversor para receber o sinal. Caso não seja um problema para a família assistir a um mesmo canal de TV em todos os televisores da casa, é possível usar o mesmo conversor, mas, para isso, é necessária a compra de um divisor/adaptador. Existem vários tipos de conversor, e cada um tem uma especificação diferente. É importante ficar atento às entradas do conversor, pois há modelos com diferentes entradas, como HDMI, RCA ou Coaxial (Antena/TV). Para não errar na hora de comprar o conversor, recomenda-se anotar o nome/número do modelo da TV e mostrar a informação ao vendedor no momento da compra, ou procurar um profissional chamado antenista.



Dentre as possibilidades do sinal de televisão digital estão a portabilidade e a mobilidade. Graças a essas características, é possível assistir à programação televisiva em ótima resolução por meio dos aparelhos móveis/portáteis (portabilidade), quando estamos em movimento (mobilidade). Assim, o sinal de televisão deixa de ser captado somente em lugares fixos, agora pode nos acompanhar por meio de celulares, *tablets*, *notebooks* e em aparelhos de TV instalados em trens, ônibus, táxis ou veículos particulares – sem qualquer custo adicional.



As antenas domésticas internas ou externas UHF (Frequência Ultra-Alta) são aquelas aptas à recepção do sinal das ondas eletromagnéticas de TV digital. A antena externa, geralmente instalada nos telhados das casas, é a mais adequada para captar o sinal digital em lugares mais baixos e com muitas barreiras físicas ao redor, como prédios. Já a antena interna, pode ser utilizada em lugares mais altos e com menos influência de barreiras. Em prédios ou condomínios, usam-se antenas externas para recepção coletiva do sinal de televisão. O profissional mais indicado para fazer as instalações é o antenista. Quem prefere fazer a instalação por conta própria, e se arrisca a subir no telhado, é muito importante que esteja atento às normas de segurança, para evitar que ocorram sérios acidentes.



Os maiores desafios da disseminação das ondas de TV se encontram no relevo. O relevo de planaltos, por exemplo, representado no domínio morfoclimático de mares de morros, causa interferências nas ondas eletromagnéticas devido à variação da altitude. Por esse motivo, as estações de TV instalam as suas antenas transmissoras e retransmissoras nos pontos mais altos da cidade, como topos de serra, por exemplo. Isso faz com que o sinal de televisão enfrente menos barreiras físicas ao ser transmitido aos domicílios e, ao mesmo tempo, consiga ter um maior alcance. Quando a antena é apontada ligeiramente para baixo, no caso de residências localizadas logo atrás ou no sopé de uma serra, a captação do sinal geralmente é mais difícil, porque o sinal é transmitido em linha reta.

Seja:Digital

EAD - Criada conforme determinação da ANATEL

JOGO DA MEMÓRIA

Guia do professor

CONEXÕES
ESCOLARES
COM A TV DIGITAL



De forma bem simples, pode-se dizer que a informação compõe-se de dados organizados e comunicados. Ela perpassa todas as esferas da sociedade, modificando sua forma de estruturação agora global. A sociedade atual tem na informação – ampliada com os avanços das tecnologias – sua maior fonte de produtividade e poder, já que se constitui a mola propulsora desse novo modo de produção social, como defende o sociólogo Manuel Castells (1999), no livro *A Sociedade em Rede*. Assim, pensar como a informação midiática atravessa nossas relações sociais é um pensar pedagogicamente necessário. E pensar a democratização dessa informação midiática é urgente, já que as mídias são construtoras de parte significativa de nossas experiências e da nossa cidadania.



Do ponto de vista cultural, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. Essa construção ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu, também construídas pelos sujeitos sociais no contexto de suas relações de poder. Hoje, pode-se falar da diversidade construída midiaticamente, já que os meios de comunicação são um lugar de discursos, vivências e convivências das diferenças. Uma questão que se pode colocar em discussão na sala de aula é: como a TV representa os lugares de vivência dos nossos alunos: a periferia, os grandes centros urbanos e a vida rural? E como a TV aborda e interpreta as diversas questões de gênero, etnia, geração, condição social e profissão?



Com a chegada da televisão digital, estamos diante de uma nova demanda de consumo: a necessidade de termos equipamentos capazes de traduzir os sinais eletromagnéticos (áudio, vídeo e dados), agora digitalizados. Há uma demanda social, industrial e política por essa mudança. Mas sempre cabe a prudência, pois as televisões de tubo são extremamente poluentes: cada aparelho possui de dois a quatro quilos de chumbo em seus tubos. O chumbo é extremamente tóxico para a vida e pode ser fatal. Para enfrentarmos essa realidade, um ensinamento sempre válido é o dos três R: R de reduzir; R de repensar e R de reciclar. Assim, é preciso uma atitude reflexiva e responsável. A ação é não comprar imediatamente. A compra vale a pena mesmo? Sua televisão de tubo ou qualquer outra televisão pode receber o sinal digital: basta comprar um conversor e uma antena UHF. Mas se optou por trocar sua TV, é possível encontrar o endereço do ponto de coleta de lixo eletrônico mais próximo de sua casa. Para isso, basta digitar o CEP e o tipo de equipamento que se deseja descartar no site www.sejadigital.com.br/site/recicle.



No sentido freiriano, com o qual trabalhamos na coleção “Conexões escolares com a TV digital”, a cultura é uma atividade humana, um trabalho transformador da realidade. Construída por homens e mulheres, a cultura é um modo de o ser humano se relacionar, comportar-se e aprender a se expressar. Ou seja, fazer cultura é uma experiência permanente de atitude crítica, uma forma de o ser humano integrar-se ao mundo e dele participar. Pensando o contexto midiático, autores têm compartilhado o conceito de *cultura da mídia* para designar os bens simbólicos produzidos pelas mídias (Kellner, 2001). A cultura midiática se manifesta, assim, como emergência contemporânea de novas formas de construção social da existência humana, novos modos de se produzir a vida humana. E a televisão, tradicionalmente, é uma grande disseminadora das diversas manifestações culturais do planeta.



O CRT (Tubo de Raios Catódicos) é conhecido popularmente como TV de tubo. Junto ao rádio, já foi o equipamento de comunicação mais popular nos lares e famílias ao redor do mundo e, em muitos casos, ainda continua a ser o único. Esse tipo de aparelho, cada vez mais, tem sido substituído por aparelhos de TV modernos, como os de LCD, LED e plasma, considerados mais bonitos, por ocuparem menos espaço em uma residência e oferecerem uma melhor qualidade de imagem. Com a mudança do sinal analógico para o sinal digital de televisão, o aparelho de TV de tubo precisa sofrer uma adequação técnica: ser conectado a um conversor e a uma antena UHF. Assim, dizemos adeus aos fantasmas e ruídos, e passamos a assistir à programação televisiva com ótima qualidade de imagem e som, mesmo no aparelho antigo de TV.

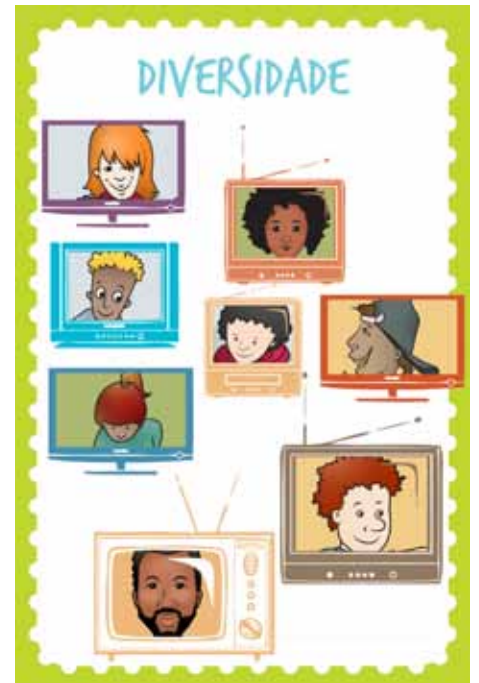


A paisagem é a parte percebida pelos sentidos. Ela diz respeito aos aspectos que nos rodeiam, captados pela visão, audição, olfato e tato. Assim, as paisagens expressam significados que precisam ser compreendidos, a princípio, a partir de sua aparência e por meio do olhar de quem as observa. Contudo, quem não as enxerga também percebe a paisagem a partir dos outros sentidos. As pessoas podem ter considerações, ideias e avaliações diferentes sobre a mesma paisagem, o que permite deduzir que há uma relação de subjetividade entre as pessoas e as paisagens. As emissoras de TV, por exemplo, colocam no ar a complexidade e o dinamismo de suas produções, a partir de recortes da realidade social de muitos lugares.



O agir reflexivo, como diria Paulo Freire, é uma atitude de ponderação, de cuidado, de persistência e de enfrentamento ativo de determinadas situações-problema. O pensar reflexivo é inquiridor, ele se pergunta sobre os problemas, enfrenta dificuldades, cria alternativas, experimenta soluções e propõe novas questões. No caso da *relação entre escola e televisão digital*, temos uma situação específica para reflexão: como pensar a TV digital à luz das reflexões escolares? A pedagogia do olhar propõe uma atitude indagadora do professor@ e da escola, a saber: qual é a consciência midiática da minha escola? Qual a consciência midiática da minha disciplina? Qual a consciência midiática da minha prática em sala de aula? Esta é uma atitude educativa freiriana: ensinar exige reflexão crítica sobre a prática cotidiana e suas situações-problema. E afinal, por que não olharmos para a televisão que temos e pensarmos a televisão que queremos?

✂ recorte as cartas -----



PORTABILIDADE



RECICLAGEM



REFLEXÃO



TV DE TUBO



ANTENISTA

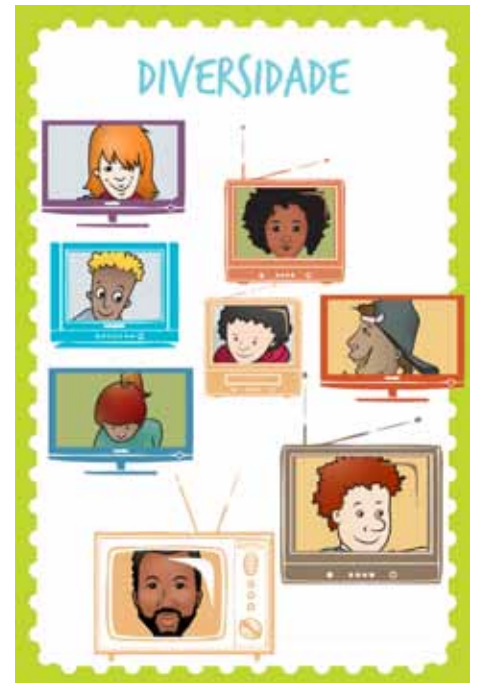


CONVERGÊNCIA



✂ recorte as cartas _ _ _ _ _

✂ recorte as cartas -----



PORTABILIDADE



RECICLAGEM



REFLEXÃO



TV DE TUBO



ANTENISTA



CONVERGÊNCIA



recorte as cartas

